

PRÁTICA DE INSERÇÃO COMUNITÁRIA: ENTREVISTA E OBSERVAÇÃO NO CENTRO COMUNITÁRIO GERMANO MIOTTO (AFILIADO CRAS) DO BAIRRO ÁGUA VERDE EM VIDEIRA-SC

AUTORES: Bruna Cristina Nunes Pereira, Lefícia Ogliari Ventura, Maria Eduarda de Lima, Nicole Taschek e Renata da Silva Schmoeller, Discentes do Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina - UNOESC.

ORIENTADOR: Giancarlo de Aguiar, Psicólogo, Docente do Curso de Graduação de Psicologia da UNOESC. Doutor em Filosofia da Cultura (FLUL), Pós-doutorado em Psicologia Socioambiental (IP.USP).

RESUMO

Este artigo apresenta uma experiência de prática e inserção comunitária realizada por acadêmicos do curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC), no Centro de Convivência Germano Miotto Água Verde do município de Videira-SC. A atividade consistiu em um estudo de campo com um grupo de mulheres em situação de vulnerabilidade social, utilizando a técnica de registro contínuo cursivo para observar comportamentos, interações e dinâmicas coletivas. A vivência permitiu articular teoria e prática, refletindo sobre o papel da Psicologia na assistência social e sobre a importância da ética, da observação sistemática e do fortalecimento de vínculos comunitários na formação acadêmica.

Palavras-chave: Psicologia Comunitária; vulnerabilidade social; ética profissional; observa

1. INTRODUÇÃO

A formação em Psicologia requer o desenvolvimento de competências que ultrapassam o domínio técnico e teórico, envolvendo também o compromisso ético e social do futuro profissional. A prática comunitária constitui um espaço privilegiado para a articulação entre o conhecimento acadêmico e a realidade social, permitindo ao estudante compreender as múltiplas dimensões do comportamento humano em contextos de vulnerabilidade.

O presente artigo relata uma experiência de inserção comunitária realizada no Centro de Convivência Germano Miotto do bairro Água Verde, em Videira-SC, com um grupo de mulheres em situação de vulnerabilidade social. A proposta surgiu das aulas ministradas pelo Professor Dr. Giancarlo de Aguiar, sobre observação sistemática, fundamentadas na obra *Aprendendo a observar* (Danna & Matos, 2006), e teve como objetivo observar e compreender o funcionamento de um grupo comunitário e refletir sobre os processos de interação e socialização presentes nesse contexto.

A relevância dessa experiência está em aproximar o estudante da realidade das políticas públicas, permitindo que ele vivencie o cotidiano das práticas institucionais e desenvolva uma postura crítica diante das demandas sociais. A inserção comunitária, portanto, é um instrumento pedagógico que contribui para a formação de um profissional sensível às questões humanas e comprometido com a transformação social.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 PSICOLOGIA COMUNITÁRIA E INSERÇÃO SOCIAL

A Psicologia Comunitária surgiu como resposta às limitações da Psicologia tradicional, que muitas vezes se restringia ao atendimento individual e clínico. Segundo Lane (2001), essa vertente busca compreender o sujeito em sua relação com o contexto social, enfatizando a participação, o empoderamento e a transformação coletiva. Montero (2004) complementa que o psicólogo comunitário atua como mediador de processos que fortalecem vínculos e promovem autonomia.

No contexto da assistência social, o CRAS é um equipamento público que integra a política de proteção básica, voltado à prevenção de situações de risco e ao fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. A atuação do psicólogo nesse espaço requer sensibilidade diante das expressões da questão social e compromisso com a promoção de direitos.

2.2 ÉTICA E RESPONSABILIDADE SOCIAL

A ética profissional na Psicologia, conforme o Código de Ética do Psicólogo (CFP, 2005), orienta o exercício da profissão para o respeito à dignidade humana e à promoção do bem-estar coletivo. Boff (1999) destaca que a ética é uma reflexão sobre o agir humano orientado pelo bem, exigindo responsabilidade e consciência das consequências das ações. A prática comunitária exige uma postura ética que reconheça as singularidades dos sujeitos e as condições sociais que os atravessam.

2.3 OBSERVAÇÃO SISTEMÁTICA COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM

A observação sistemática é uma técnica fundamental na formação do psicólogo, pois permite o desenvolvimento da escuta atenta e da análise contextualizada. Danna e Matos (2006) afirmam que observar é compreender o comportamento em sua totalidade, considerando aspectos motores, expressivos e relacionais. Essa técnica possibilita ao estudante captar nuances do comportamento humano e refletir sobre os fatores que influenciam as interações sociais.

3. METODOLOGIA

3.1 CONTEXTO DA PESQUISA

O estudo foi realizado no Centro Comunitário Germano Miotto, vinculado ao CRAS, do bairro Água Verde, em Videira-SC. O grupo de mulheres foi criado recentemente e encontrava-se em seu terceiro encontro. As participantes são convidadas por meio de busca ativa, encaminhamentos e convites diretos, com média de 10 a 12 integrantes por reunião.

3.2 PARTICIPANTES

O grupo observado era composto por oito mulheres de diferentes faixas etárias, entre 25 e 67 anos, todas residentes na comunidade local. As

atividades são conduzidas por uma mediadora vinculada ao CRAS, com apoio de profissionais da equipe técnica.

3.3 PROCEDIMENTOS

A observação ocorreu durante uma dinâmica de bingo, seguida de lanche coletivo. Utilizou-se a técnica de registro contínuo cursivo, que consiste na descrição detalhada e sequencial dos acontecimentos, mantendo linguagem objetiva e cronológica. Foram observados comportamentos motores, expressões faciais, interações verbais e não verbais, além da influência do ambiente físico.

4. RESULTADOS E ANÁLISES

4.1 DINÂMICA DO GRUPO

Durante o bingo, observou-se cooperação entre as participantes, especialmente quando uma delas apresentava dificuldade em localizar números na cartela. Houve expressões de ansiedade, foco e desconforto térmico devido ao calor excessivo. A mediadora manteve postura acolhedora e incentivou a participação.

As mulheres demonstraram vínculos de solidariedade e apoio mútuo. O momento do lanche reforçou a convivência e o sentimento de pertencimento. Apesar da informalidade, o grupo mostrou-se organizado e respeitoso, com trocas afetivas significativas.

As expressões faciais variaram entre concentração, satisfação e cansaço. Algumas participantes verbalizaram desconforto ("que calor!"), enquanto outras expressaram alegria ao ganhar prêmios. O ambiente físico influenciou diretamente o comportamento, revelando a importância das condições estruturais para o bem-estar coletivo.

4.4 PAPEL DA MEDIADORA

A mediadora atuou como facilitadora, promovendo integração e garantindo o andamento da atividade. Sua postura ética e empática contribuiu para o clima de confiança e respeito entre as participantes.

4.5 DESCRIÇÃO DA OBSERVAÇÃO IN LOCO

No dia 20 de março de 2026, ao chegarmos à sala, fomos cordialmente recepcionadas pela mediadora Ana Bocca estagiária de Fonodiologia da UNOESC de Joaçaba-SC e pelas participantes. A mediadora era alta, de mais ou menos 1,70 de altura, magra, cabelos castanho escuro cacheado estava semi preso em uma granola de cabelo as pontas do cabelo mais claras. Estava usando um body regata azul marinho escuro, com as alças franzidas trabalhadas, uma calça pantalon branca e uma sandália verde musgo usava um óculos redondo marrom e estava com um crachá aonde a fita dele de por ao pescoço era azul e o crachá branco. O ambiente estava organizado com duas mesas contendo quatro cadeiras cada, totalizando oito lugares, todos ocupados pelas integrantes do grupo. A disposição favorecia a interação e o contato visual entre as participantes, criando um clima de acolhimento e expectativa para o início da atividade.

Mesa 1

Na primeira mesa, observou-se uma diversidade de perfis e comportamentos.

- S1, mulher de aproximadamente 38 anos, vestida com camisa regata branca e calça legging cinza, segurava um bebê de cerca de oito meses. Apesar da atenção dividida, manteve-se concentrada no jogo, com expressão séria e postura prestativa.
- S2, cerca de 29 anos, trajava calça legging verde e camiseta florida. Apresentava postura relaxada, apoiando o rosto sobre o braço, demonstrando foco e tranquilidade.
- S3, por volta de 25 anos, vestida com macacão rosa, mostrava satisfação e envolvimento na atividade.
- S4, aproximadamente 56 anos, vestida com camiseta cinza e shorts jeans, expressava leve insatisfação, perceptível pelas sobrancelhas arqueadas e tremor na perna.

A mediadora (P1) conduzia o sorteio dos números com atenção e entusiasmo, vestida de forma simples e adequada ao ambiente. Durante o jogo, observou-se cooperação entre as participantes: S1 e S2 auxiliaram S4 na marcação dos números, evidenciando solidariedade e interação positiva.

No decorrer da atividade, o bebê de S1 adormeceu, permitindo maior concentração da participante, que posteriormente anunciou “bingoooo!” com expressão de alegria e sorriso aberto. A mediadora entregou o prêmio e anunciou a última rodada, encerrando o jogo com clima de descontração.

Mesa 2

Na segunda mesa, composta por mulheres entre 40 e 67 anos, os comportamentos variaram entre concentração e inquietação.

- S2 demonstrava impaciência, movimentando as pernas e verbalizando o desconforto térmico (“que calor!”).
- S4 mantinha postura retraída e silenciosa, focada na cartela.
- S1 e S3 alternavam momentos de atenção e distração, observando as demais participantes e interagindo pontualmente.

Durante as rodadas seguintes, observou-se que o calor excessivo influenciava o comportamento das participantes, gerando expressões de cansaço e desejo de encerramento. Apesar disso, o grupo manteve o respeito mútuo e o envolvimento na atividade até o final.

4.6 ENCERRAMENTO

Por volta das 15h40, a mediadora organizou o lanche coletivo, disposto em uma mesa branca próxima à porta. Foram servidos torta salgada, amendoins, suco de uva e café. As participantes se serviram de forma espontânea, demonstrando cordialidade e cooperação.

O momento do lanche revelou aspectos afetivos e sociais importantes: S1 serviu suco para S2, S4 auxiliou uma criança, e todas participaram da organização do espaço após o término. As despedidas ocorreram de maneira tranquila, com expressões de satisfação e pertencimento.

Essa observação permitiu identificar elementos como desconforto físico durante a atividade, bem como, aspectos positivos como solidariedade, cooperação, e afetividade, além de evidenciar o papel da mediadora como facilitadora das interações. O ambiente, embora simples e quente, mostrou-se propício à convivência e à construção de vínculos entre as participantes.

5. ENTREVISTA

1. Como é definida a participação das mulheres no grupo?

A participação ocorre por meio de encaminhamentos oficiais, busca ativa da equipe ou convites diretos realizados nas residências das usuárias.

2. De que maneira é planejada a organização do espaço físico?

A organização é flexível, sendo adaptada conforme a atividade proposta para o dia, visando acomodar dinâmicas, rodas de conversa ou oficinas manuais.

3. Como a orientadora intervém diante de conflitos ou relatos sensíveis?

A orientadora não realiza intervenções profundas no grupo; situações delicadas são prontamente encaminhadas para atendimento individual com a equipe técnica (psicóloga ou assistente social) do CRAS.

4. Quais estratégias são utilizadas para estimular a participação das integrantes?

O planejamento prioriza atividades práticas, manuais e interativas, adaptando o cronograma conforme o interesse e o nível de engajamento demonstrado pelas participantes.

5. Quais mudanças comportamentais são observadas nas participantes?

Observa-se um comportamento respeitoso e participativo, com evolução gradual na socialização e no fortalecimento dos vínculos entre o grupo.

6. Como as mulheres costumam expressar suas emoções durante os encontros?

A expressão ocorre de forma coletiva e voltada às atividades; por ser um grupo recente, ainda prevalece a interação social em detrimento do compartilhamento de questões pessoais profundas.

7. Quais são os principais benefícios observados após a inserção no grupo?

Os principais ganhos são a promoção do bem-estar, a quebra do isolamento social e a construção de uma rede de apoio e acolhimento.

6. DISCUSSÃO

A observação permitiu compreender que o grupo de mulheres funciona como um espaço de acolhimento e fortalecimento de vínculos. A prática comunitária revelou a importância da Psicologia na promoção do bem-estar e na construção de redes de apoio.

A ética profissional se manifesta na capacidade de reconhecer limites institucionais e encaminhar demandas sensíveis para atendimento especializado. A atuação do psicólogo no CRAS ou em Centros de atuação semelhante, exige articulação entre saberes técnicos e compromisso social, conforme defendem Boff (1999) e Freire (1996), que enfatizam a necessidade de uma prática humanizadora e transformadora.

7. CONCLUSÃO

A experiência de inserção comunitária no Centro de Convivência Germano Miotto de Videira-SC, contribuiu significativamente para a formação acadêmica dos estudantes de Psicologia, ao integrar teoria e prática em um contexto real de vulnerabilidade social. O contato com o grupo de mulheres possibilitou compreender a complexidade das relações humanas e a importância da ética, da empatia e da escuta ativa na atuação profissional.

A prática reforçou que o psicólogo deve atuar como agente de transformação social, comprometido com a promoção de direitos e com o fortalecimento da comunidade. A inserção comunitária, portanto, é um instrumento pedagógico essencial para o desenvolvimento de competências éticas, política e técnicas.

REFERÊNCIAS

- BOFF, L. *Ética e moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CFP – Conselho Federal de Psicologia. *Código de Ética Profissional do Psicólogo*. Brasília, 2005.
- DANNA, M. F.; MATOS, M. A. *Aprendendo a observar: fundamentos e técnicas*. São Paulo: EPU, 2006.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LANE, S. T. M. *Psicologia Social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

MONTERO, M. Introducción a la Psicología Comunitaria. Buenos Aires: Paidós, 2004.

Imagens relacionadas
Centro de Convivência Germano Miotto:



Fonte: Autoras

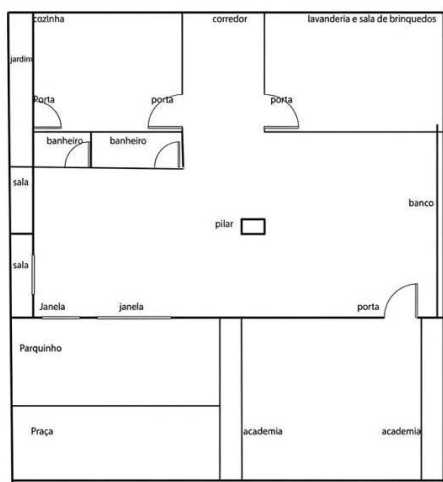
Mural feito pelas Mulheres participantes:



Fonte: Autoras

Planta do Centro Comunitário Germano Miotto:

Planta arquitetônica do Centro Comunitário Germano Miotto



Fonte: Autoras

Dinâmica aplicada no dia da observação (bingo):



Fonte: Autoras

Fundador do Centro:



Fonte: Autoras

Compartilhamento do lanche e brindes ganhados:



Fonte: Autoras